

## O PROJETO DE TRADUÇÃO MINORIZANTE DE LAWRENCE VENUTI

Este capítulo tem como objetivo apresentar as principais estratégias de tradução propostas pelo tradutor e teórico norte-americano Lawrence Venuti, mais especificamente a aplicação prática dessas estratégias em seu projeto de “tradução minorizante”. Apesar de já ter apresentado no início desta dissertação as teorias de Venuti em relação à tradução ética e, conseqüentemente, ter abordado algumas de suas idéias relativas às estratégias tradutórias estrangeirizadoras e domesticadoras, retomo-o neste capítulo para discutir seu projeto de tradução minorizante como um projeto de tradução subversiva. As duas principais razões de classificá-lo como tal são: o fato de ter uma agenda política declarada, qual seja, a oposição à “hegemonia global do inglês” (Venuti, 2002, p.26); e de sua teoria e práticas tradutórias se proporem a subverter as práticas tradutórias predominantes no contexto anglo-americano.

Venuti é conhecido por seu interesse em desvelar as desigualdades de poder que, em geral, se fazem presentes nos processos tradutórios. A sua crítica à estratégia de “domesticação”, adotada pela maioria dos tradutores de literatura ficcional nos países anglófonos, mais especificamente Estados Unidos e Inglaterra, é uma marca de seu trabalho. É também freqüente a denúncia dos padrões desiguais de comércio intercultural entre países centrais e periféricos, decorrentes das relações de poder e de dominação entre esses países. Ele insiste que a tradução tem poder de formar identidades culturais, reafirmar ou desfazer estereótipos, reiterar uma ordem vigente ou transgredi-la:

Nos países hegemônicos, a tradução modela imagens de seus Outros subordinados, que podem variar entre os pólos do narcisismo e da *auto-crítica*, confirmando ou interrogando os valores domésticos dominantes, reforçando ou revendo os estereótipos étnicos, os cânones literários, os padrões de mercado e as políticas estrangeiras às quais outra cultura possa estar sujeita. Nos países em desenvolvimento, a tradução modela imagens de seus Outros hegemônicos e deles próprios, que podem tanto clamar por submissão, colaboração ou resistência, que podem assimilar os valores estrangeiros dominantes com a aprovação ou aquiescência (livre empreendimento, devoção cristã) ou revê-los

criticamente para criar auto-imagens domésticas mais oposicionistas (nacionalismos, fundamentalismos). (Venuti, 2002, p. 299, meu grifo)

Nas próximas linhas, descreverei brevemente as estratégias de domesticação e estrangeirização. Sei que no meio acadêmico dos estudos da tradução as propostas de Venuti são amplamente conhecidas, porém, considero importante fazer essa breve apresentação das duas principais estratégias identificadas em seu trabalho para que eu possa melhor contextualizar o seu projeto de tradução minorizante.

## 6.1

### A estratégia de domesticação

Como já foi descrito em outro capítulo, uma tradução domesticadora é aquela que procura apagar as opacidades geradas pela diferença entre as duas culturas e línguas em contato, de forma a tornar a leitura mais fluente e, de certa forma, facilitá-la. A domesticação transmite a ilusão de preservação do espírito do autor original na tradução. Venuti critica a estratégia de domesticação embora reconheça que a tradução inevitavelmente realiza um trabalho de domesticação pela condição de estar escrita na língua “doméstica”. Assim sendo, o autor parece implicitamente propor uma certa gradação: um texto pode ser traduzido sem que se apague totalmente o “ar de estrangeiridade” (2002, p. 17).

Para o teórico, a idéia por trás da estratégia de domesticação é a de que se garanta que o texto traduzido seja transparente, ou seja, que soe “natural”, “fluente” como se não fosse uma tradução. Como Venuti explica em seu artigo “A invisibilidade do tradutor” (1995b[1986]),

uma tradução é considerada aceitável (por redatores, revisores e leitores) quando a sua leitura é fluente, quando a ausência de quaisquer passagens canhestras, construções não idiomáticas ou significados confusos transmite a sensação de que a tradução reflete a personalidade ou a intenção do autor estrangeiro, ou o significado essencial do texto original. (p.111)

Algumas características da tradução “fluente” são por ele descritas:

Uma tradução fluente é aquela que utiliza um inglês atual (“moderno”) em vez de arcaico, que seja amplamente utilizado, em vez de especializado (“jargão”), e que

seja padrão em vez de coloquial (“cheio de gírias”) [...] é imediatamente reconhecível e inteligível, “familiarizada”, domesticada, não “desconcertantemente” estrangeira, capaz de dar ao leitor “acesso desobstruído a grandes pensamentos”, ao que está “presente no original”. (1995a, p. 4-5)

A tendência na cultura anglo-americana é a de praticar a tradução de acordo com os valores dominantes da língua inglesa. É uma prática em que o tradutor deve domesticar o texto estrangeiro, mas de uma forma tal que não permita que o leitor perceba sua presença. Essa atitude tende a apagar a intervenção do tradutor, “quanto mais ‘bem-sucedida’ a tradução, maior a [suposta] invisibilidade do tradutor, e maior a visibilidade do autor ou do significado do texto original” (Ibid.). Ele realiza todo um esforço de adaptar o texto estrangeiro à cultura-meta, para que fique “fluente” e para criar um efeito de transparência, mas ao mesmo tempo deve permanecer invisível.

Por trás da invisibilidade do tradutor há um desequilíbrio comercial que fomenta esta dominação, e que também diminui o capital cultural estrangeiro em inglês ao limitar o número de textos traduzidos e os submetendo a uma revisão domesticadora. A invisibilidade do tradutor é sintomática de um comodismo nas relações anglo-americanas com outras culturas, um comodismo que pode ser descrito – sem muito exagero – como imperialista no exterior e xenofóbico dentro do país. (Venuti, 1995a, p.17)

A tradução domesticadora constitui mais um instrumento de dominação da cultura anglo-americana, a serviço das agendas políticas, econômicas e culturais do sistema receptor. Essa estratégia cumpre o papel de reforçar seus valores culturais, pois não permite que a diferença presente nos textos estrangeiros seja transmitida ao texto em inglês. Os itens culturais inacessíveis ao público médio de língua inglesa são tratados por meio de analogias ou generalizações que facilitam a compreensão do leitor, mas que deturpam esses itens, impossibilitando o acesso à outra cultura<sup>8</sup>. Por trás do véu da fluência e da transparência textual, esconde-se o interesse da manutenção da hegemonia.

Como também já comentei anteriormente, parece-me que essa preferência a uma tradução fluente está presente não só no contexto anglo-americano, mas predomina nos mercados editoriais de modo geral. O público

---

<sup>8</sup> Alguns exemplos podem ser encontrados na dissertação de mestrado de Carla Bentes (2005) que trata de traduções para língua inglesa de obras da literatura brasileira. Um deles é a tradução de “macumba” por *voodoo*.

deseja ter uma leitura clara e livre de opacidades. Essa é uma percepção sobre a qual não disponho de dados científicos que a comprovem.

No Brasil, ao contrário, apesar de imaginar que a tendência do público também seja a de preferir uma tradução fluente e sem opacidades, vejo uma presença muito grande de referências da cultura estrangeira, um hábito de não traduzir nomes de produtos, de personagens, de referências estrangeiras como nomes de lugares, eventos, festividades, marcas culturais de modo geral.

Na disciplina “Teorias lingüísticas e literárias da tradução”, ministrada pela professora Marcia Martins no primeiro semestre de 2005, no Mestrado em Estudos da Linguagem da PUC-Rio, a aluna Sabrina Martinez, em seu trabalho “Late Show with David Letterman: um estudo de caso”, falou sobre como as emissoras de TV a cabo preparam cartilhas para orientar o legendador quanto ao que deve ser traduzido, o que deve ser mantido em língua estrangeira e o que deve ou não ser adaptado. Ela afirmou que, de modo geral, predomina a regra de não traduzir nem adaptar referências culturais. Exemplos de adaptação seria dizer “Ana Maria Braga”, em vez de “Martha Stewart”, ou “cachaça” em vez de uma outra bebida destilada regional. Martinez chega a fazer a seguinte afirmação quanto às traduções para legendas:

o Brasil, um país periférico que tradicionalmente mantém relações assimétricas com culturas hegemônicas, assimilando mais seus elementos culturais do que "exportando" os nossos, o faz também através das estratégias adotadas para a tradução do *Late Show with David Letterman*, cujas referências culturais anglófonas chegam a nós praticamente sem mediação. (p.13, inédito)

Ou seja, parece que o leitor brasileiro quer ter um texto fluente, mas não necessariamente sem referências à cultura de origem. Não posso afirmar com precisão como isso ocorre em outros países em desenvolvimento, se se assemelham ao Brasil ou não. Mas suponho que, como “colonizados” e já habituados à forte influência da língua e da cultura colonizadoras desde o início de suas histórias, nos países periféricos o público seja muito mais tolerante ao que vem de fora, ou mais especificamente dos países hegemônicos, do que o público “colonizador”, sempre alimentado por um sentimento de superioridade em relação aos estrangeiros.

## 6.2 A estratégia de estrangeirização

Ao constatar o poder político-ideológico da estratégia de domesticação na cultura anglo-americana, como meio de fortalecer sua hegemonia, Venuti propõe uma estratégia alternativa à tradução para o inglês: a estrangeirização. Seu propósito é o de que as traduções passem a ser lidas como traduções – como textos que têm suas peculiaridades – e que a “transparência seja desmistificada e vista como um efeito discursivo, dentre outros” (1995a, p. 17).

Venuti reivindica que a tradução seja reconhecida como tradução e não como texto original. Assim, a meta do tradutor é colocar

em primeiro plano a materialidade do texto como *tradução, como algo que não pode ser confundido nem com o texto na língua-fonte nem com um texto originariamente escrito na língua-meta*. (1995a[1986], p. 118, meu grifo)

Esse texto deve trazer uma opacidade que fará com que uma tradução seja lida como tal:

A tradução deve ser vista como um *tertium datum*, que “soa estrangeiro” para o leitor, mas tem uma aparência opaca que a impede de parecer uma janela transparente através da qual [supostamente] se visse o autor ou o texto original: é esta opacidade – um uso da língua que resista à leitura fácil segundo os padrões contemporâneos – que deixará visível a intervenção do tradutor, seu confronto com a natureza alienígena do texto estrangeiro. (Ibid., 118)

Venuti retoma as proposições de Friedrich Schleiermacher para defender a estrangeirização. Nas palavras de Susan Bassnett e Andre Lefevere, Schleiermacher sugere que as

traduções de outras línguas para o alemão devem soar diferente: o leitor deve ser capaz de intuir o espanhol por trás de uma tradução do espanhol, ou o grego, por trás de uma tradução do grego. Se todas as traduções forem parecidas (como ocorria nas traduções vitorianas dos clássicos), a identidade do texto-fonte se perde. (1998, p.8)

Como Schleiermacher, Venuti defende que o tradutor deve trazer o leitor para perto do texto original e não domesticar o original para que fique mais acessível ao leitor. Dessa forma, apresenta a estrangeirização como uma estratégia que permite que a diferença seja transmitida, que a alteridade seja preservada, mesmo que dentro de suas limitações. Uma tradução que adote uma estratégia estrangeirizadora não está livre de transmitir uma interpretação parcial, porém,

esta tradução deixa entrever essa postura, já que não tem o intuito de ser “transparente”. O leitor é capaz de perceber certa estranheza e identificar que aquele texto tem outras origens, diferentes de sua cultura e língua domésticas.

Para Venuti, a tradução estrangeirizadora é defendida por ser uma forma de resistência contra “o etnocentrismo e o racismo, o imperialismo e o narcisismo cultural em favor do interesse das relações geopolíticas democráticas” (1995a, p.20). Assim, ao confrontar a desigualdade das trocas culturais entre a cultura anglo-americana e as outras nações, a estrangeirização cumpre o papel ético de confrontar essa hegemonia.

Da mesma maneira que na domesticação, a estratégia de estrangeirização não se restringe a escolhas de palavras ou de expressões a serem usadas numa tradução, mas também se aplica à seleção de textos a serem traduzidos. Por essa razão, Venuti sugere que o tradutor escolha traduzir um texto que por si só já desafie o cânone contemporâneo da literatura da língua-meta. Descreve a tradução estrangeirizadora como “uma prática cultural dissidente” que

faz associações com valores lingüísticos e literários domésticos marginais, e com culturas estrangeiras que tenham sido preteridas devido a sua própria resistência a valores dominantes” (Venuti, 1995b, p.148).

Nesse contexto é que podemos situar sua proposta de um projeto minorizante. Esse projeto abrange escolhas de termos, expressões e palavras específicas, estratégias de seleção de discursos, assim como de textos a serem traduzidos. Ele o chama de “minorizante” pois prefere traduzir textos estrangeiros “que possuem status de *minoridade* em suas culturas, uma posição marginal em seus cânones nativos – ou que, em tradução, possam ser úteis na minorização do dialeto-padrão e das formas culturais dominantes no inglês” (2002, p.26, grifo meu).

### 6.3

#### O projeto minorizante

A proposta de Venuti, ao utilizar “elementos minoritários” ou “minorizantes”, é a de deixar marcas da cultura de origem no texto traduzido. Ele

cita a noção da ética do “respeito” em Berman (Venuti, 2002, p. 34) e afirma que “essa ética da tradução não impede a assimilação do texto estrangeiro, mas objetiva ressaltar a existência autônoma daquele texto por trás (no entanto, por meio) do processo assimilativo da tradução” (Ibid., p. 28).

Em *Escândalos da Tradução: por uma ética da diferença*, Venuti fala de sua experiência em adotar um “projeto minorizante” ao traduzir para o inglês uma seleção da obra de I. U. Tarchetti, escritor italiano do século XIX. Ele caracteriza esse projeto como minorizante pelo fato de Tarchetti ter uma posição marginal no cânone italiano, e por acreditar que “sua escritura seja capaz de desordenar valores domésticos predominantes no inglês ao mover-se entre comunidades culturais” (Ibid., p. 31).

Na tradução de alguns trabalhos de Tarchetti para o inglês, ele usa o que chama de elementos minorizantes em “pontos significativos” do texto traduzido. Esses elementos são escolhas conscientes do tradutor que lhe permitem “salientar as diferenças lingüísticas e culturais do texto – dentro da língua maior” (Ibid., p. 29).

Abaixo, apresento dois exemplos nos quais Venuti demonstra a aplicação de seu projeto minorizante na prática tradutória. Utilizo-me não só dos exemplos, mas também das análises que ele próprio faz de suas estratégias. Meus propósitos são verificar como os tais elementos minorizantes dão à tradução um caráter subversivo e investigar em que medida esses elementos consistem em afastamentos ou manipulações excessivas do original.

## Exemplos

O primeiro exemplo consiste na tradução para o inglês de contos de I. U. Tarchetti os quais vieram a integrar a coletânea *Fantastic tales*. Essa tradução foi feita por Lawrence Venuti.

Venuti escolheu traduzir textos do escritor italiano pelo fato de o escritor se opor aos padrões literários e lingüísticos predominantes na Itália de sua época, assim como aos padrões morais e políticos italianos que se posicionavam

a favor de um providencialismo cristão, o amor conjugal e a submissão resignada diante do *status quo*. Tarchetti objetivava chocar a burguesia italiana, rejeitando o bom senso e a decência para explorar o sonho e a insanidade, a violência e a

sexualidade aberrante, zombando da convenção social e imaginando mundos fantásticos onde a injustiça social era exposta e desafiada. (Venuti, 2002, p.31)

O principal elemento minorizante no projeto de tradução da obra de Tarchetti foi o arcaísmo, como explica seu tradutor:

Desde o início determinei que o arcaísmo seria útil para indicar a distância temporal dos textos italianos, sua emergência numa situação cultural diferente, num momento histórico diferente. Contudo, qualquer arcaísmo logicamente teria de ser extraído da história do inglês, teria de significar numa situação corrente da língua inglesa, e, portanto, liberaria um resíduo literário distinto. Com *Fantastic Tales* assimilei os textos italianos à tradição gótica nas literaturas britânica e americana, ao tomar como modelo para minha sintaxe e léxico a prosa de escritores como Mary Shelley e Poe, revisitando seus trabalhos em busca de palavras e frases que poderiam ser incorporadas na tradução. Isso não quer dizer que a precisão foi sacrificada em favor da legibilidade e do efeito literário, mas que, na medida em que qualquer tradução produz um resíduo doméstico, acrescentando efeitos que funcionam somente na língua e literatura domésticas, faço um esforço para focalizá-los num gênero específico na história literária da língua inglesa. Na tradução minorizante, a escolha de estratégias depende do período, gênero e estilo do texto estrangeiro em relação à literatura doméstica e aos públicos leitores para os quais a tradução é escrita. (Ibid., p.33)

Como podemos entender a partir da citação acima, a escolha dos arcaísmos e de outras estratégias minorizantes não foi feita aleatoriamente ou sem critério, nem tampouco tornou o texto traduzido ilegível ou incompreensível. São elementos sutis que não “sacrificam a precisão”, mas que chamam a atenção do leitor por serem inesperados ou diferentes do comum. São formas de tentar fazer o leitor perceber que o texto escrito em sua língua, a tradução, foi escrito com base em um texto em outra língua, vindo de outra cultura e de outro tempo. Os arcaísmos são uma forma de tornar o processo tradutório mais visível para o leitor. Como diz o trecho acima, os elementos minorizantes escolhidos pelo tradutor dependem de uma relação da literatura doméstica e do público leitor com “o período, gênero e estilo do texto estrangeiro”, e dependem também da interpretação do tradutor, levando em conta seu público leitor.

A questão teórica aqui é que as estratégias desenvolvidas nas traduções minorizantes dependem fundamentalmente da interpretação que o tradutor faz do texto estrangeiro. E essa interpretação sempre olha para duas direções, uma vez que tanto se afina com as qualidades especificamente literárias daquele texto quanto é marcada por uma avaliação dos leitores domésticos que o tradutor espera alcançar, por uma idéia de suas expectativas e conhecimento (das formas lingüísticas, das tradições literárias, das referências culturais). (Ibid., p. 37)

A marca da estratégia minorizante pode estar não só no plano lexical, mas também no sintático. Venuti apresenta alguns exemplos em sua análise (2002, p. 34-35) e afirma que suas escolhas minorizantes “seguem o italiano bem de perto” em termos de sintaxe. Após apresentar uma passagem do conto, “Un osso di morto” (*A dead man’s bone*) para demonstrar a proximidade sintática com o texto original, até onde a língua inglesa permite, Venuti faz a seguinte análise:

O arcaísmo na passagem em inglês é em parte resultado de manter-se próximo ao italiano, aos períodos suspensos empregados por Tarchetti e à dicção da época (*soggiorno*, *apoplessia*, *indurlo* são calcados: *sojourn* (“estada”), *apoplexy* (“apoplexia”), *induce him* (“induzi-lo”). Em outros casos, quando uma escolha se fazia necessária, preferi o arcaísmo ao uso corrente: para *né io potei mai*, usei a construção invertida *nor could I ever* (“nem pude eu jamais”) em vez do mais fluente *and I could never* (“e eu nunca pude”); para *per quanto mi vi adoprassi*, eu preferi a formalidade ligeiramente antiga de *no matter how much I endeavored* (“não importa o quanto eu me esforçasse”) em vez do coloquialismo moderno *no matter how hard I tried* (não importa o quanto tentasse). (2002, p.35)

O tradutor afirma que embora suas escolhas tenham se afastado do inglês corrente elas não tornaram a tradução ilegível ou incompreensível para a maioria dos leitores contemporâneos. Diz também que o emprego dos arcaísmos “chamou a atenção para a tradução *como tradução*, sem interferir de forma desagradável na experiência de leitura” (2002, p. 36, grifo meu). Um fator que pode ter contribuído para que a tradução tivesse uma recepção positiva por seus leitores – verificada pelo tradutor por meio das resenhas críticas publicadas sobre sua tradução – foi a adição à tradução de um *ensaio introdutório* explicando sua estratégia minorizante.

O segundo exemplo é também a tradução para o inglês de um outro texto de Tarchetti, seu romance *Fosca*. Na tradução deste romance, Venuti decide tornar a “presença de arcaísmos mais extensa e mais densa para adaptar [a tradução] à extravagância emocional do romance de Tarchetti”. Os temas de que trata o romance – “amor ilícito, doença, beleza e feiúra femininas, a junção do ideal burguês da feminilidade doméstica com a *femme fatale* de estilo vamp” – o motivaram a “assimilar o texto italiano à literatura britânica do século 19”. (2002, p.37)

Considerando que seu público leitor era majoritariamente americano, usou a grafia britânica em algumas palavras e também uma pronúncia britânica (*a herb*, em vez de *an herb*) para gerar um efeito de “estranheza”. Além disso, o tradutor

adotou inversões sintáticas características do século XIX e termos ou frases antigas, o que serviu para “historicizar a tradução sinalizando as origens do texto italiano no século XIX” (2002, p.38). Ao mesmo tempo, em certas ocasiões, valeu-se de usos mais recentes tanto do inglês-padrão quanto do inglês coloquial. Sobre essa técnica, ele explica que ela “imersa o leitor num mundo que está nitidamente distante no tempo, mas, ao mesmo tempo, tocante em termos contemporâneos – e sem perder a consciência de que a prosa está acima de tudo” (2002, p. 39).

Ainda explicando a finalidade dessa estratégia, ele chama a atenção para o uso da expressão idiomática que inseriu em sua tradução “*time flies when you’re having fun*” (2002, p.39):

Em alguns pontos, fiz uma combinação de vários léxicos mais dissonantes para lembrar o leitor de que ele ou ela está lendo uma tradução no tempo presente. Uma passagem dessas ocorreu durante uma cena decisiva na qual Giorgio passa uma noite inteira com Fosca, que se encontra tanto extasiada como enferma e que está morrendo de amor por ele:

Suonarono le due ore all’ orologio.

– Come passa presto la notte; il tempo vola quando si è felici – diss’ella. (Tarchetti, 1971,p.82)

The clock struck two.

“How quickly the night passes; the time flies when you’re having fun”,she said.(Venuti, 1994, p.83)

O relógio bateu duas horas.

“Como passa rapidamente a noite; o tempo voa quando você está se divertindo”, disse ela.

O tradutor afirma que, justamente pela expressão ter se tornado um clichê no inglês americano contemporâneo,

o aparecimento abrupto [dessa] expressão num contexto arcaico quebra a ilusão realista da narrativa, interrompendo a participação do leitor no drama das personagens e chamando a atenção para o momento no qual a leitura está sendo feita. E quando esse momento torna-se consciente, o leitor vem a perceber que o texto não é o italiano de Tarchetti, mas uma tradução em língua inglesa. (Ibid., p.40)

Nesse exemplo percebemos a preocupação de Venuti em desmascarar a ilusão de transparência num texto traduzido. Quando o texto parece transparente, de fato ele foi manipulado de forma a apagar a maior parte das estranhezas e das marcas culturais exóticas do contexto de origem. Ao analisar uma crítica à sua

tradução de *Fosca* (*Passion*, na tradução para o inglês), Venuti mostra como suas estratégias podem incomodar os leitores pelo fato de tentarem desfazer essa ilusão. Alguns termos que utilizou, como se poderá ver na citação abaixo, não foram bem aceitos pela crítica principalmente pelo fato de misturar palavras antigas com clichês contemporâneos. A citação abaixo é um trecho da resenha crítica de Barbara Harrison, do *New York Times*:

Eu sou obrigada a pensar se alguns dos problemas apresentados por *Passion* têm a ver com a determinação do tradutor, Lawrence Venuti, em usar clichês contemporâneos, e sua falha em usar coloquialismos do século 20 convincentemente. Certamente, os românticos italianos do século 19 não tinham *siblings* (“irmãos”) (palavra detestável), e eles não sentiam nada parecido com *funk* (“medo”); nem uma mulher de violência lírica seria capaz de dizer, antes de seu êxtase, *time flies when you’re having fun* (“O tempo voa quando você está se divertindo”). (*apud* Venuti, 2002, p.42-43)

Ou seja, a autora da resenha não percebe a mistura de clichês contemporâneos com arcaísmos como uma forma de chamar a atenção do leitor para o fato de que está diante de uma tradução, mas a considera uma falha de estilo. Ainda assim, o tradutor considera que atingiu seu objetivo. Vejamos abaixo o comentário de Venuti onde explica que seu efeito exagerado funcionou:

O efeito exagerado que busquei funcionar com essa resenhista. Contudo, ela se recusou a entender isso de acordo com a explicação apresentada na minha introdução: lá afirmei minha intenção de usar clichês e coloquialismos *inconvincentemente*, indo contra o contexto arcaico de imitar o romantismo superaquecido dos personagens. A crítica de Harrison aponta para uma impaciência, ainda mais aprofundada, com experimentos formais que complicam a função comunicativa da linguagem. Visto que a estética popular prima pela ilusão da realidade nas representações literárias, apagando a distinção entre arte e vida, ela preferiria que a tradução fosse imediatamente inteligível de forma a parecer transparente, não-traduzida, ou simplesmente inexistente, criando a ilusão de originalidade. Daí sua insistência que arcaísmos como *funk* (“medo”) devam ser omitidos porque os românticos italianos não os usavam. [...] O fato é que os românticos italianos não teriam usado a maioria das palavras na minha tradução, porque eles escrevem em italiano e não em inglês. (*Ibid.*, p. 43)

Diante desses dois exemplos, podemos ter uma idéia de como o tradutor Venuti coloca em prática o seu projeto minorizante. A principal marca desse projeto presente nos exemplos apresentados foi o arcaísmo, bem como a utilização de paratextos para dirigir-se ao leitor e informá-lo sobre suas escolhas.

## 6.4

### Considerações finais sobre este capítulo

Pela análise dos exemplos acima podemos ver que em vários planos, desde a escolha do material a ser traduzido até as intervenções lexicais e sintáticas, a atividade tradutória de Venuti se propõe a subverter. Tendo sempre em mente a agenda política de se opor à hegemonia global do inglês, o tradutor e teórico visa revelar as relações assimétricas presentes na maior parte das traduções e conscientizar o leitor acerca da intervenção inevitável do tradutor, da impossibilidade de se ter acesso “direto” aos pensamentos e intenções do autor e da necessidade de se reconhecer que qualquer tradução se baseia em um texto estrangeiro, que pertence a outra cultura e deve manter as marcas de sua origem. Para ele, numa posição evidentemente inspirada em Berman, essa é a ética que deve nortear o trabalho do tradutor, o respeito ao universo de partida e a desmistificação das relações presentes nos processos tradutórios.

É interessante notar aqui que, diferentemente dos casos anteriores – as traduções feministas e grande parte das traduções pós-colonialistas –, a tradução minorizante de Venuti se propõe a aproximar ao máximo a tradução do texto original, ou seja, preocupa-se em não subverter o original, tenta fazer “uma representação o mais próxima possível [do] texto estrangeiro na língua doméstica” (ver p.4 desta dissertação). Sua subversão se manifesta se tomarmos como padrão não o texto de partida – sua língua, cultura e estilo –, mas o sistema no qual se inserem suas traduções. Como já observamos acima, Venuti identifica no contexto anglo-americano uma predominância de traduções fluentes e “transparentes”, que muitas vezes afastam-se muito do original para adquirirem tais características. Há nelas um afastamento excessivo do original, embora criem a ilusão, no leitor, de lhe estarem proporcionando acesso imediato às intenções e significados do autor. Sabe-se que nem a tradução fluente e domesticadora, nem a tradução estrangeirizadora, com opacidades, levarão o leitor à “mente” do autor, a suas intenções e à “essência” do texto original. Predomina nos estudos da tradução um entendimento teórico que nos permite afirmar que nada disso é possível. Porém, entendo que por meio de uma estratégia estrangeirizadora é mais fácil revelar ao leitor a impossibilidade desse acesso porque as marcas dessa impossibilidade ficam materializadas no texto traduzido.

Apesar dessa grande diferença, Venuti tem uma estratégia semelhante à das tradutoras e teóricas feministas e de alguns dos pós-colonialistas que citamos: a de expor ao leitor, por meio de prefácios e notas, suas propostas e suas estratégias. Retomaremos esse assunto na seção logo a seguir.

Com base na proposta de tradução minorizante de Venuti, poderíamos concluir que é possível usar a tradução como um meio de luta político-ideológica sem que se descaracterize sua identidade, tal como a vejo. É possível ter uma atitude de resistência, sem que a tradução perca os traços que a identificam, ou melhor, sem forçar demais as fronteiras que, a meu ver, diferenciam a tradução de outros tipos de reescrita. De fato, essa conclusão se aplica perfeitamente a Venuti, porque sua defesa política é a de valorização e de reconhecimento do outro, elementos que coincidem, na minha opinião, com aqueles que devem ser implicados na atividade tradutória; o principal deles o elo que une original e tradução. A tradução como uma transformação que é “regulada”, nos termos de Derrida, e não livre de qualquer compromisso com o universo de partida.